

Racismo e a problemática identificatória: *o tornar-se negro, o tornar-se branco*

Travessias do ser escravizado ao ser liberto

Carlos Frausino, Cláudia Carneiro, Ignacio A. Paim, Maria Teresa Lopes e Paola Amendoeira

Resumo

O artigo problematiza o racismo estrutural brasileiro sob o olhar psicanalítico e da interseccionalidade e denota que a racialidade da sociedade foi uma construção institucional, que negou as singularidades do povo negro em benefício dos ideais originários da branquira. Parte-se do conceito metapsicológico das identificações para refletir sobre os limites e possibilidades de se promover uma sociedade menos hierarquizada e menos assimétrica.

Palavras-chave:

racismo; interseccionalidade; teoria das identificações; branquitude; negritude; instituições psicanalíticas.

Abstract

This article problematizes Brazilian structural racism from a psychoanalytic and intersectional perspective and denotes that the raciality of our society was an institutional construction, which denied the singularities of black people for the benefit of the ideals of society originating from whiteness. We start from the metapsychological concept of identifications to think about the limits and possibilities to promote a less hierarchical and less asymmetrical society.

Keywords:

racism; intersectionality; theory of identifications; whiteness; blackness; psychoanalytic institutions.

Racismo e a problemática identificatória: o tornar-se negro, o tornar-se branco.

Travessias do ser escravizado ao ser liberto

Tudo começa, assim, por um ato de identificação: 'Eu sou um negro'.¹

Já afirmamos que o Eu se erige, em grande parte, a partir das identificações que entram no lugar dos investimentos de carga que o Id abandonou.²

O filho perguntou pro pai
'Onde é que 'tá o meu avô
O meu avô, onde é que 'tá?'
O pai perguntou pro avô
'Onde é que 'tá meu bisavô
Meu bisavô, onde é que tá?'
Avô perguntou 'ô bisavô
Onde é que 'tá tataravô
Tataravô, onde é que 'tá?'
Tataravô, bisavô, avô
Pai Xangô, Aganju
Viva Egum, babá Alapalá
(Gilberto Gil)³

Gilberto Gil vai à África em 1977 para fazer um show, até ali não tinha grande ligação e mesmo conhecimento e contato com a cultura africana. Ao ver aquelas construções no estilo pombais, como nossos conjuntos habitacionais, ele *re-favela* sua trajetória e sua origem. Era uma tentativa de assumir o 're' que trouxera com o re-fazenda, uma ideia de revisitar, rever, retomar coisas. Revisão, retomada, revisita: é com este espírito que esperamos pensar as ideias que nós, em grupo, também fomos re-agrupando.

O confronto com a temática do racismo está posto, desde longa data, por vários segmentos que compõem nossa organização cultural, em seus vértices econômico, social, político e psicológico. Entretanto, o universo psicanalítico, tomando por referência nossas instituições, somente há muito pouco tempo tem direcionado um olhar e uma escuta, com seus desdobramentos num processo autorreflexivo, para o racismo antinegro e suas implicações na constituição do sujeito e da coletividade humana.

A narrativa aqui construída segue nesta direção, buscando exercitar um (re)pensar sobre a constituição do eu e a construção permanente de uma identidade própria em seus afloramentos, defloramentos e fruição. Processo potencialmente auspicioso para o desenvolvimento da nossa

1. A. Mbembe, *A crítica da razão negra*, p. 263.

2. S. Freud, *O Eu e o Id*, p. 56.

3. Trecho da música *Babá alapalá*, composta por Gil em 1977.

humanidade, uma herança ancestral que, como semente, é passada de geração em geração, (re)editando, (re)atualizando e procurando ampliar as habilidades para a vida e para o desenvolvimento na linha da história. Ou não... Também pode, na fruição e na intensidade do choque, da impossibilidade e da violência do não (re)conhecimento, ver-se preso em um círculo vicioso e profundamente danoso a qualquer possibilidade de alimento e incremento à nossa humanidade e senso de existência no mundo.

Esse ser idêntico a si mesmo, e seguir sendo, é um processo interminável que sofre e promove transformações e mudanças que nos acompanham ao longo de nossa linha de existência. Nunca ficamos prontos e acabados... ou completos... ou inteiros... Nós nos construímos e nos desconstruímos, (re)construímos a cada passo e a cada momento. Nesse ir e vir, um certo senso de integração e de unidade vai aflorando até o ponto em que sentimos propriedade no nosso (re)existir e certa continuidade em nosso devir. Como disse o ministro dos Direitos Humanos e da Cidadania, Silvio Almeida, é a importância fundamental de conquistarmos a certeza de que existimos e um sentimento de sermos valiosos para o nosso grupo: Eu existo!⁴

Freud, em 1923, enfatizou que “o Eu se erige, em grande parte, a partir das identificações”⁵. É nesse sentido que tomamos o conceito metapsicológico de identificação – processo de tomar o outro e ser tomado pelo outro como modelo, de forma ativa e/ou passiva – como sinalizador, catalisador e mesmo transformador, numa ação que (re)quer a (re)apropriação do legado da negritude e a desapropriação do legado brancoocêntrico que inibe nossa capacidade de (re)pensar e nosso processo de (re)existir.

Com essa proposição como indicador, vamos (re)tomar num primeiro tempo a teoria das identificações – a mais antiga manifestação de uma ligação afetiva com uma outra pessoa⁶ – para, em seguida, tecer nossas especulações de como elas operam e são operadas pela ideologia racista. Num terceiro tempo, visando fundamentar as travessias que se fazem necessárias para o avançar do escravizado para o ser liberto de brancos e negros, ancorados no pensamento de Neuza Santos Souza⁷, vamos adentrar o território do *tornar-se negro*, *tornar-se branco*, para também, quem sabe, tornar-se si mesmo. Diante dessas configurações, imbuídos de um pensar clínico político, aspiramos especular de forma metapsicológica por quais caminhos a psicanálise pode vir a empretecer-se, ampliando seu escopo identificatório no sentido de se fazer efetivamente antirracista. Possibilidade de (re)construir fomentos no sentido da máxima: o ser escravizado é imposição, o ser liberto é aquisição. Tempo de (re)significar a expressão “eu sou um negro” e de significar a expressão “eu sou um branco”.

Seguindo essa rota, antes de avançarmos, destacamos que (re)significar implica criar e (re)criar novos significados sobre o que já está dado, enquanto significar é criar um sentido inédito, onde até então havia uma ausência, praticamente absoluta, que o branco apresenta e (re)presenta de maneira ímpar.

4. Declaração feita pelo ministro Silvio Almeida no discurso de posse em 2 de janeiro de 2023.

5. S. Freud, *O Eu e o Id*, p. 56.

6. S. Freud, *op. cit.*, p. 39.

7. N. S. Souza, *Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*.

Identificações – complexo do semelhante: origens e destino

Buscamos nas origens do pensamento freudiano, no *Projeto para uma psicologia científica*, de 1895, o fundamento para a constituição do sujeito psíquico a partir de uma *ação específica*, o outro que com seu ato fundador nos joga na cultura. Freud formula no *Projeto* o conceito do complexo do semelhante (Complexo de *Nebenmensch*), o *próximo* por meio do qual o sujeito aprende a se (re)conhecer. Na formação do eu, a busca de semelhança ganha a maior importância, pois no desamparo inicial do ser humano é a ação de um semelhante que vai suprir a incapacidade desse pequeno ser de promover uma ação específica que o alivie dos estímulos endógenos e da dor. Para realizar a ação específica, o organismo humano necessita do outro e depende da linguagem; o grito volta a atenção do indivíduo maduro para a criança e uma comunicação se faz. Daí, Freud afirma que “o desamparo inicial dos seres humanos é a fonte primordial de todos os motivos morais.”⁸

Esse objeto semelhante, percebido pela criança como o único a poder ajudá-la, é ao mesmo tempo o primeiro objeto de satisfação e o primeiro objeto hostil – que se liga a experiências de satisfação e de dor. Por meio desse ser semelhante, o eu vai aprender a se conhecer no outro. Também a (re)conhecer o outro. E quando o semelhante se apresenta como não semelhante? Estaríamos no território de predominância de um objeto hostil? Tempos de instauração do racismo estrutural no psiquismo?

Freud⁹, em 1914, afirma que o objeto, com sua *nova ação psíquica*, funda o eu e seus desdobramentos narcísicos. Precisamente 20 anos depois do *Projeto*, em *Luto e melancolia*, Freud formula uma importante mudança na noção de identificação, detalhando o intrincamento profundo dos vínculos entre o eu e o outro, dentro do próprio sujeito. Na perda de um objeto narcisicamente investido, o eu se identifica *melancolicamente* com o objeto abandonante – uma identificação narcísica mais originária, quando o objeto morto se impõe ao eu. Que objeto seria esse identificado pela branquitude em defesa do seu narcisismo ferido? Qual seria a estratégia da branquitude para fugir desse processo melancólico estrutural? Ela equaciona tal questão identificando o negro a esse objeto, ora objeto fóbico, ora paranoico, ora objeto fetiche. Ora perseguindo, ora sendo perseguido.

A entrada no complexo edípico vai mostrar que desde o início da experiência emocional da criança com o outro a identificação é ambivalente, é tanto expressão de ternura quanto desejo de eliminação. É algo factível na relação entre brancos e negros? Uma das modalidades da identificação é, inclusive, seu surgimento com qualquer nova percepção de algo em comum com uma outra pessoa que não é objeto de pulsões sexuais. Estaremos, nós, receptivos, com hospitalidade e disponibilidade para novas percepções e experiências racializadas? Branco também é raça?

Nessa configuração mais arcaica, somos colonizados por um outro que não se reconhece sob o jugo da castração. Observamos, aqui, a gênese identificatória que sustenta a dinâmica imposta pelas idealizações violentas da branquitude.

8. S. Freud, *Projeto para uma psicologia científica*, p. 370.

9. S. Freud, *À guisa de introdução ao narcisismo*.

Sempre seremos prisioneiros, em alguma medida, das identificações primárias. Nas palavras de Freud, é a identificação com o pai (pais) da pré-história pessoal, anterior a qualquer escolha de objeto¹⁰. Um *ideal do eu*, cindido, vai resultar num supereu que obriga e também proíbe.

O supereu se impõe como um pai castrador introjetado. O supereu da criança se constrói a partir do supereu de seus pais, daí a tradição que se transmite transgeracionalmente. Como sustenta Freud nas *Novas Conferências Introdutórias* em 1933, a humanidade não vive inteiramente no presente, mas também no passado, na tradição da raça e do povo, nas ideologias do supereu.

Desse modo, pensamos que o eu é fundado pelo traumático, investido pelo objeto e nesse contexto se constitui. Como o eu é o resultado das identificações com esse objeto, a identificação implica ser *traumatizado pelo Outro*.

Racismo, identificações, ideologias de poder na constituição do sujeito

É da natureza da fusão pulsional o anseio permanente pelo encontro com o objeto. Sempre buscando a garantia de uma satisfação ainda maior que a anterior, vamos testando novos e melhores, ou mais eficientes, encaixes.

Nessa contínua e ininterrupta sucessão de testes de realidade, vamos por um lado, na melhor das hipóteses, aprimorando nossa habilidade em identificá-los. Mas também vamos a cada uma, descobrindo a dura realidade de não haver algo no mundo externo ou interno que tenha a capacidade tão polivalente quanto gostaríamos de nos servir como este obscuro objeto dos nossos desejos.

O real é tão inapreensível quanto mais é insuportavelmente doloroso para os nossos precários recursos. Insuportável é nos darmos conta de que podemos muito, mas... não podemos tudo. Diante do insuportável, a criação do mito, sustentado pelas identificações primárias, é um recurso. Ressalta Rustin que “o termo ‘raça’ remete tanto a uma categoria vazia quanto a uma das formas mais destrutivas e poderosas de classificação social”¹¹.

No texto de 1968, *Mito, instinto de morte e regressão no processo analítico*, Virgínia Leone Bicudo estabelece uma relação especial entre o mito, a pulsão de morte e a regressão dentro do processo analítico, sendo o mito referido como elemento constante em todas as análises, salientando que nem sempre é percebido em sua “relação com a violência, a catástrofe e o instinto de morte.”¹² Afirma que “o mito, como parte do aparato do pensamento, é tanto um instrumento de pesquisa, quanto uma resistência ao progresso na aquisição de novos conhecimentos”¹³.

Neste sentido, o mito é recurso possível, o próprio representante da incapacidade para pensar. É uma desistência, em que o investimento no mito desvela um desdobramento específico da pulsão de morte, com o intuito de esvaziar o progresso e o avanço, por serem considerados insuportáveis e, por isso, ser impossível lidar com a intensidade da tensão e da angústia que a junção de certas ideias, memórias e experiências tem o potencial de despertar.

10. S. Freud, *O Eu e o Id*.

11. M. Rustin, *A boa sociedade e o mundo interno: psicanálise, política e cultura*, p. 67.

12. V. L. Bicudo, *Mito, instinto de muerte y regresión en el proceso analítico*. In: *Revista de Psicoanálisis* n. 25 (3-4), p. 749.

13. V. L. Bicudo, *op. cit.*, p. 749. (tradução livre)

A ideia de raça se constitui como o simulacro que dá suporte ao racismo. Não sendo real, atende a qualquer projeção de qualquer pior parte dessa ampla constelação que forma nossa ideia de eu, num jogo sempre dinamicamente satisfatório, já que não é afetado pelos testes da realidade.

Se pensarmos no racismo estrutural brasileiro, são muitos os mitos que surgem quando o insuportável da realidade da violência presente, vivida e partilhada por todos, emerge. Sempre que há tomada de consciência explícita da violência que é atuada pelo branco, nos aproximamos de um território extremamente sensível e defendido contra a reaproximação das maiores experiências de desamparo experimentadas. O isolamento, a subalternidade e seu maior pavor, o não pertencimento por inferioridade.

O tornar-se negro – desidentificações – reidentificação – um *devoir*

Assim ser negro não é uma condição dada, a priori. É um vir a ser.
Ser negro é tornar-se negro.¹⁴

Com a expressão reidentificação estamos nos referindo ao processo de (re)apropriação dos ideais afrodescendentes e assumindo sua urgência. Compreendemos que essa proposição está intimamente relacionada com o *tornar-se negro* por Neusa Santos, o que significa a importância da tomada de consciência da negritude e do lugar político que ela representa.

Nessa perspectiva, estabelecemos um diálogo com três escritores negros, Virgínia Leone Bicudo (1945), Frantz Fanon (1950) e Neusa Santos (1983). Três escritos ancestralmente complementares. Três narrativas de testemunho. Três convocações a serem pensadas coletivamente: dando voz aos negros para falarem sobre eles, por eles mesmos!

Virgínia, brasileira, filha de pai negro e mãe imigrante italiana, primeira pessoa a deitar-se no divã para iniciar uma formação psicanalítica no Brasil e na América Latina. Mulher, educadora sanitária, socióloga e psicanalista – pessoa de cor. *Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo* (1945), de sua autoria, foi a primeira dissertação de mestrado defendida sobre o tema no Brasil, quando Virgínia já estava em formação psicanalítica. Num tempo onde se estudava na escola de sociologia o *problema do negro*¹⁵. Virgínia advoga a existência do preconceito de cor, que se apresenta a partir da tomada de *consciência de cor*, o que, por sua vez, ocorre sempre que o negro ascende socialmente. Já em 1945, Bicudo¹⁶ aborda a consciência de classe, consciência de cor, racismo, interseccionalidade, colorismo, entre outros temas.

Em 1950, nessa mesma temporalidade, do outro lado do oceano, Frantz Fanon, nascido na ilha caribenha da Martinica, se descobre negro ao chegar na França. Já psiquiatra, vai desenvolver suas ideias e perspectivas a partir de uma espécie de anatomia do *problema do preto* em suas múltiplas relações¹⁷ e marca o papel fundamental das relações entre as projeções e introjeções na constituição da subjetividade preta.

14. N. S. Souza, *Tornar-se negro*, p. 115.

15. M. Chor Maio, Introdução: a contribuição de Virgínia Leone Bicudo aos estudos sobre as relações raciais no Brasil. In: *Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo*.

16. V. L. Bicudo, *Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo*.

17. F. Fanon, *Pele negra, máscaras brancas*.

No livro *Pele negra, máscaras brancas* (1952), Fanon mantém a tensão constante no paradoxo presente que, acreditamos, seja compartilhado por todo leitor psicanalista. Muito próximo à crítica sartreana ao inconsciente, faz uma crítica importante à psicanálise, ao mesmo tempo em que, ao longo das linhas do livro, descreve preciosamente o processo inconsciente da identificação. Pensamos que suas sinalizações remetem às identificações primárias a *nova ação psíquica*¹⁸, sendo esta a responsável pela instauração do eu e do narcisismo.

O que acontece a partir dali que nos tira de um estado de entranhamento narcísico, e passamos a considerar e ter alguma relação com isso que vem de fora? Que não é meu, mas logo passa a ser, também, eu? Nesse cenário encontraremos o aprisionamento do povo negro às idealizações narcísicas delegadas por um ideal de si mesmo branco. Balizado por esse pensar, Fakhry Davids, reportando-se a Fanon, propõe que “em um mundo colonial, o preto tem que viver com projeções arbitrárias e viciosas como essas, dia após dia; não há escapatória e poucos momentos de trégua”¹⁹. Segundo o autor, Fanon observa que são projeções difíceis de aceitar, porque trazem provocações. Davids nos instiga, questionando:

Por que deveria ser assim? Por que não reconhecer com a cabeça fria o que está sendo feito? Por que se deixar levar, tentando provar que não se é, digamos, hi-persexual/violento, ou então sucumbir a esse estereótipo? Por que não ignorar a projeção racista e ir embora?²⁰

A resposta de Fanon a essas questões, segundo Davids, é que a impiedade dessas trocas, em que o eu preto é constantemente denegrado e uma imagem tentadora de brancos aparentemente livres de sua situação é apresentada, é a criação de uma mudança interna na qual um desejo inconsciente de ser branco é instalado na mente.²¹

O caminho estava absolutamente pavimentado, no entanto, levamos 33 anos até chegarmos aos pensamentos e à escrita de Neusa Santos. Psiquiatra e psicanalista brasileira, em uma pioneira dissertação de mestrado propôs uma compreensão psicodinâmica envolvida nas relações raciais, centrada nas vicissitudes do narcisismo, numa leitura extremamente acurada do pensamento freudiano.²²

Em sua narrativa, Neusa trabalha as singularidades do *tornar-se negro* no contexto da ascensão social da população negra no Brasil. Para viabilizar tal projeto, ela se vale da teoria das identificações e suas implicações no processo do vir a ser sujeito do próprio desejo. Dessa maneira, a constituição de um *ideal do eu* negro se faz fundamental na estruturação da negritude. Nesse caminho se dariam as condições para a ruptura do pacto racista imposto pelo poder impingido pelo *eu ideal branco*.

18. S. Freud, *À guisa de introdução ao narcisismo*, p. 99.

19. M. F. Davids, *Internal Racism: A psychoanalytic approach to race and difference*, p. 110.

20. M. F. Davids, op. cit., p. 110.

21. M. F. Davids, op. cit., p. 110.

22. N. S. Souza, *Tornar-se negro*.

Três leituras complementares e sua continuidade cadente e sintonizada atizam um mal-estar de viver um tempo em que já não é possível observar essas relações como infortúnios, frutos de uma ausência de sorte na aleatoriedade do nascimento. O que por muito tempo foi permitido pelo grande grupo social – ser classificado como infortúnio – hoje é comprovadamente fruto e consequência de uma das grandes injustiças da humanidade (racismo – escravidão – racismo) que silenciosamente se espraia, se beneficia e mata há centenas de anos: “A raça é, ao mesmo tempo, ideologia e tecnologia de governo.”²³

O tornar-se branco: identificações e desidentificações

Anos atrás, comecei a destrinchar a branquitude também em mim, o que significa que passei a problematizar a identidade político-racial branca como produtora, reprodutora e mantenedora de privilégios, entre eles o da universalidade.²⁴

Tornar-se branco requer assumir responsabilidades que o branco não suporta, nem quer escutar a respeito da questão racial.

Em uma exposição no Museu de Arte de São Paulo (MASP)²⁵, destacava-se uma escultura de uma criança negra de braços erguidos, segurando um balde de tinta branca que escorria sobre seu corpo, porém não se impregnava nele. O autor da peça, escultor paulistano Flávio Cerqueira, aborda em seus trabalhos a temática racial. A obra faz referência ao branqueamento das populações negras no Brasil. Uma história em que as imigrações europeias, a partir do século XIX, tinham também a perversa função de tornar menos negra a população. Quantos brancos que por ali passaram se deixaram impactar por essa imagem?

O projeto de branqueamento do Brasil foi a forma institucional mais perversa e cruel possível com a população diaspórica negra que aqui chegou. Não por vontade própria, mas através de sequestro, de humilhação, de cancelamentos de origem, de vida, de existência, de violência social que até hoje sofre e que ainda ecoa na sociedade, em pleno século XXI. Um cenário muito cruel e mesmo assim é raro escutarmos pessoas brancas se questionando e se colocando no lugar daqueles negros que foram sequestrados e massacrados pelos nossos ancestrais europeus e por nossos parentes próximos. Por onde caminha nossa empatia? Caminha?

A branquitude não desenvolve o conceito freudiano de identificação que trata da capacidade de empatia com o semelhante e traz a marca da diferença. A empatia é o produto final do processo identificatório atravessado pelo luto, o qual, quando trabalhado, traduz-se na capacidade de se colocar no lugar do outro. Colocar-se no lugar do negro tem se revelado algo impensável para o branco. Tal condição decorre da impossibilidade de pensar junto com o sentir, uma vez que o branco é o agente responsável pela violência racista.

Essa condição remete ao termo *fragilidade branca* cunhado por Robin DiAngelo ²⁶, escritora

23. A. Mbembe, *Crítica da razão negra*, p. 75.

24. E. Brum, *Banzeiro òkòtó*, p. 17.

25. A escultura *Amnésia* de Flávio Cerqueira foi uma das obras mais comentadas da mostra *Histórias afro-atlânticas*, realizada no MASP em 2018.

26. R. DiAngelo, *Fragilidade branca: por que é tão difícil para brancos falarem sobre racismo*.

branca e consultora em questões de justiça social, que afirma estarem os brancos perpetuando o racismo por serem frágeis e incapazes de discutir o assunto de maneira aberta e honesta:

Vivemos uma experiência muito insular. Raramente fomos desafiados em nossa visão de mundo racial. Nos movemos em uma sociedade em que a desigualdade racial é a base do conforto racial como pessoas brancas e raramente estamos fora de nossas zonas de conforto racial. A maioria dos brancos nasce e morre em meio a segregação racial, sem relacionamentos autênticos apoiados entre diferentes raças, principalmente com pessoas negras.²⁷

É necessário entender que o racismo é a hierarquização das raças feita pelo povo branco, em prol de manter seus privilégios econômicos, políticos e sociais. Quem integra o grupo de brancos no Brasil? Sabemos que negros e indígenas estão excluídos desse grupo.

Faz-se urgente que o branco se assuma como raça – *tornar-se branco* –, como possibilidade única e intransferível de se responsabilizar pela injustiça histórica impingida aos negros e aos povos originários. O branco se impôs como único sujeito possível, determinando a racialização de negros e indígenas. Diante desse paradoxo – uma raça sem raça – emerge a questão: *se o negro é raça, os brancos são o quê?* No processo de vir a ser branco, é importante que ele possa contar a própria história e rever o seu legado identificatório com o colonizador. Este seria o primeiro passo para reconhecer, por exemplo, que ele é elemento ativo nesse processo branqueador injustamente imposto ao povo negro.

Como exemplo da fragilidade branca, pensamos na questão das cotas raciais, criadas como uma forma de reparação ao racismo, permitindo o acesso do povo negro à universidade pública e ao mercado de trabalho. O estabelecimento das políticas de cotas raciais provocou de imediato reações da branquitude, em virtude de se sentir lesada em seus direitos sacramentados pelo racismo que estrutura a sociedade brasileira. Nossa cultura é atravessada por um silenciamento, negação e perversidade por parte dos brasileiros brancos (nem tão brancos assim, em sua maioria) em relação à população negra brasileira. O mito da democracia racial, entre outros tantos!

Não podemos pensar o racismo por apenas uma via, a individual, porque reduz a somente um tipo de preconceito. A questão racial é muito mais extensa e de consequências mais acirradas. Reafirmando Silvio Almeida, o racismo foi constituído sob o amparo da legalidade e com apoio moral de líderes políticos e religiosos, filósofos, pensadores e *homens de bens*.²⁸

Cabe ao povo branco, em seu processo de racialização, desidentificar-se das identificações e dos conceitos transmitidos por seus ancestrais europeus em nome da hegemonia branca. Vale pensar na construção de uma nova possibilidade de existência, de forma mais simétrica e menos hierárquica. Assumir o antirracismo também é desconstruir o lugar de *outro do outro*²⁹ em que os negros são permanentemente colocados. Afinal, o racismo é um problema dos brancos. Nesse sentido, recordamos o comentário de Freud em 1938, sobre o antissetimismo, que nos evoca a problemática do racismo:

27. Trecho da entrevista de Robin DiAngelo concedida à rede de TV CNN em 6 de junho de 2020.

28. S. L. de Almeida, *O que é racismo estrutural?*

29. G. Kilomba, *Memórias da plantaço. Episódios de racismo cotidiano*.

Mas a verdade é que, por longos séculos, tratamos o povo judeu injustamente, e que assim continuamos a proceder por julgá-los injustamente. Quem quer de nós que não comece por admitir nossa culpa não cumpriu o seu dever quanto a isso. Os judeus não são piores que nós; eles possuem características um tanto diferentes e defeitos um tanto diferentes, mas no total, não temos direito de olhá-los de cima. Sobre alguns aspectos, na verdade, são superiores a nós.³⁰

Parafrazeando Freud, poderíamos dizer que, na verdade, por longos séculos, os europeus trataram e ainda tratam o povo africano injustamente, e assim nós, brasileiros, continuamos a proceder por julgá-los injustamente. Se não começarmos por admitir a nossa culpa, não cumpriremos nosso dever quanto às injustiças. Obviamente, os africanos não são piores que nós; possuem características e defeitos um tanto diferentes, mas no total, não temos o direito de lançar sobre eles um olhar superior. Afinal, muitas vezes, são superiores a nós, brancos. Assim, conclui Freud, “cessemos por fim de lhes conceder favores, quando têm direito à justiça.”³¹

Um devir possível?

Partindo da indagação sobre um possível devir de uma raça única, a raça humana, pensamos o racismo como uma narrativa que nasceu da fantasia grandiosa do homem branco europeu, ao decidir transformar o homem negro em algo não humano. Esse padrão de pensamento passou a ser reconhecido como verdade única.

Nesse processo de investigação, criamos a expectativa de um possível devir. Com esse objetivo, nos (re)apropriamos das ideias de identificação, desidentificações e reidentificações, e sua implicação no *tornar-se negro* e no *tornar-se branco*. Compreendemos esse tornar-se como processo transitório, que possa nos lançar num outro lugar onde ser negro e ser branco seja uma questão de fenótipo e não de identidade e de nossas identificações. O que, talvez, nos leve a pensar no ideal (utópico) proposto por Fanon, de uma humanidade radical. Seria uma expectativa que passaria, em termos psicanalíticos, por esse processo de transformação, analisando como o racismo estrutura o aparato psíquico e como se sai desse complexo. O que a psicanálise pode fazer, em termos de trabalho de desidentificação e re-identificação, para alcançar um caráter mais universal e não universalista?

Uma possível resposta à questão: o tornar-se negro e o tornar-se branco são processos transformadores que nos dão certa identificação com o ser humano. Uma identificação, a mais ampla. Não uma identificação modelada por processos hierárquicos que constituem a branquitude, tão segmentada. Da desidentificação e de re-identificações, tem-se como sinalizador uma identificação futura singular, porém universal, no sentido de não hierarquizada.

Tal devir pressupõe a invenção de novas possibilidades de existência para os humanos, sejam negros, brancos ou indígenas.

30. S. Freud, *Um comentário sobre o antissemitismo*, p. 328.

31. S. Freud, *op. cit.*, p. 328.

Referências

- ALMEIDA S. L. DE. (2018). *O que é o Racismo Estrutural?* Belo Horizonte: Letramento. Coleção Femininos Plurais.
- BRUM, E. (2012). *Banzeiro òkòtó: Uma viagem à Amazónia Centro do Mundo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- BICUDO V. L. (1945/2010). *Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo*. (M. C. Maio, Org.). São Paulo: Editora Sociologia e Política.
- BICUDO V. L. (2000). Mito, instinto de muerte y regresión en el proceso analítico. In: *Revista de Psicoanálisis*, n.25(3-4). Buenos Aires.
- DAVIDS M. F. (2010). *Internal Racism: psychoanalytic approach to race and difference*. London, United Kingdom: Palgrave Macmillan.
- DIANGELO R. (2021). *Fragilidade Branca: por que é tão difícil para brancos falarem sobre racismo*. Edita_X.
- FANON F. (1952/2008). *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA.
- FREUD S. (1950[1895]/1969). Projeto para uma psicologia científica. In *Obras psicológicas completas*, v. 1. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1921/1969). Psicologia de grupo e análise do ego. In: *Obras psicológicas completas*, v. 18. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1914/2004) À guisa de introdução ao narcisismo. In: *Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (L. A. Hanns, Org.), vol. 1. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1915[1917]/2006). Luto e melancolia. In: *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*, vol. 2. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1923/2007). O Eu e o Id. In: *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*, vol. 3. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1937/1938). Um comentário sobre o antissemitismo. In: *Moisés e o monoteísmo, compêndio de Psicanálise e outros textos*, vol 19. São Paulo: Companhia das Letras, 2018
- KILOMBA G. (1968/2019). *Memórias da Plantação – Episódio de racismo cotidiano*. Trad.: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó.
- MAIO M. C. (2010). Introdução: A contribuição de Virginia Leone Bicudo aos estudos sobre as relações raciais no Brasil. In: *Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo*, p. 23-60. São Paulo: Editora Sociologia e Política.
- MBEMBE A. (2018). *A crítica da razão negra*. São Paulo: N-1 edições.
- RUSTIN M. (1991/2000). *A Boa Sociedade e o Mundo Interno: Psicanálise, Política e Cultura*. (E. Neves e T. Zalberg, Trad.) Rio de Janeiro: Imago.
- SOUZA, N. S. (1983). *Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Brasil: Graal.